

partidário dos concursos e que, sete anos antes, num parecer que se tornou famoso, já havia expandido o seguinte ponto de vista:

"Uns queriam que aos substitutos assistisse necessariamente direito ao acesso para as cadeiras vacantes. Outros exigiriam segundo concurso.

"A primeira opinião pode ser cômoda para a classe dos substitutos; mas absolutamente não consulta aos interesses do ensino. As provas apuradas no primeiro concurso não perpetuam a superioridade do candidato. Notável então entre os que com êle competiram, mais tarde será muitas vezes inferior a outros, a quem sem perda para os créditos da Faculdade não se pode, nesse caso, recusar a preferência para o lugar inamovível de professor. A certeza da promoção, a sua fatalidade legal é, até, um convite à indolência, um princípio de arrefecimento, que decididamente não contribuirá para animar, nas Faculdades, a vida científica e o progresso dos estudos.

"A idéia da necessidade impreterível do concurso para o preenchimento das vagas na classe dos catedráticos apoia-se numa preocupação, num preconceito dos mais errôneos. Nessa verificação a que entre nós se dá por excelência o nome de concurso, o concurso por exame, vêem geralmente, em nosso país, homens dos mais bem intencionados o único meio de aquilatar menos favelmente o mérito, de acautelar abusos, de dotar as Faculdades com a cooperação dos profissionais mais habilitados, — em suma, de elevar mais o nível do ensino" (Reforma do Ensino Secundário e Superior, pág. 67-68, ed. do Min. Educação e Saúde).

E, depois de passar em revista o que ocorria nos mais adiantados países do mundo, acrescentava:

"Eis aí modelo que assaz nos devem desiludir dêsse prestígio infundado, que circunda entre nós a idéia do concurso, apesar dos gravíssimos abusos que essa instituição tem alimentado. Por tôda a parte, nos países que acabamos de percorrer, encontramos o profundo sentimento da

falibilidade extrema dêsse processo de verificação de capacidade; por tôda a parte, a função de eleger, de propor os candidatos, entregue à consciência de um corpo eminente de eleitores profissionais, em que nem sempre participam as congregações; por tôda a parte, enfim, a intervenção prudencial do Estado, estabelecendo a preferência entre os apresentados, mas nem sempre adstrito às candidaturas propostas" (Obra citada, pág. 73).

Essa sua oposição aos concursos não era, entretanto, de caráter geral e, no terreno do magistério, admitia-os para os auxiliares do ensino superior, porque:

"para êstes lugares são mais modestas as condições de proficiência exigidas; os habilitados são muito mais numerosos, as habilitações muito menos altas, a nomeada de cada um muito mais circunscrita; e, portanto, a escolha depende naturalmente de uma confrontação real, que só o concurso, ou o exame, poderá estabelecer. Mas ninguém está no caso de ser catedrático, sem uma reputação feita de ciência, sem aptidões de uma notoriedade, de uma superioridade tais, que não seria fácil o erro na nomeação, e a indicação das Faculdades, reunida à da opinião pública, há de, segundo as probabilidades mais seguras, encerrar em si os melhores elementos de certeza" (Obra citada, págs. 78-79).

O exame cuidadoso de outros trabalhos seus revela, ainda, que essa oposição só se apresentava cerrada nos casos em que o saber científico ou profissional do candidato era notório e, por isso, dispensável a sujeição dêle aos crivos subjetivos dos exames. O que interessava era o respeito inteiro ao valor do candidato. O que importava era selecionar os mais capazes e evitar que os nullos e incompetentes se aboletassem em funções e cargos para os quais lhes faleciam "engenho e arte".

OSVALDO FETTERMANN

Pequena Biografia

Ruy Barbosa — Nasceu na cidade do Salvador, capital da Bahia, a 5 de novembro de 1849. Foram seus pais João José Barbosa de Oliveira

e D. Maria Adélia Barbosa de Oliveira. Pelo lado materno, Ruy Barbosa, desde cedo recebeu o influxo das salutarens virtudes de D. Maria Adélia Barbosa de Oliveira, senhora de altos predicados morais, que grandemente concorreu para a formação de seu espírito de lutador integérrimo. Aos 5 anos, com aplicação do método Castilho, fazia análise gramatical e conjugava todos os verbos regulares, assombrando o velho professor, que, em 30 anos de magistério, não deparara com talento igual e tão precoce. O mesmo entusiasmo causou a todos os professôres do Colégio Abílio, na Bahia, e ao professor Carneiro Ribeiro que lhe exaltou os méritos nos seguintes conceitos: "Se algum raro

condiscípulo corria parêlha com êle, nenhum o excedia no amor ao trabalho, na devoção à boa e sã leitura, na aplicação não comum, na agudeza do espírito, na facilidade de reter, assimilar e conceber; sempre discreto, exato, sensato e exemplaríssimo no procedimento; na moralidade e pureza de costumes sempre modelar".

Cursou os 2 primeiros anos da Faculdade de Direito no Recife, completando o curso em São Paulo em 1870. Segue para a Bahia pelo Rio de Janeiro. Vai à Europa a bem da saúde. Regressa de Paris à Bahia e inicia sua vida política. Aos 27 anos casou com D. Maria Augusta Viana Bandeira. Deputado provincial aos 28, geral aos 29. Estreara na vida pública em 1869 patrocinando a defesa dos escravos. Em 1882, formula a reforma geral do ensino, encetando formidável campanha em prol da educação nacional. Profetizara Joaquim Nabuco, que Evaristo, na imprensa, fizera a Re-

gência, e Ruy faria a república. Participa do Governo Provisório em 1889. Foi ministro da Fazenda, interino da Justiça e subchefe do governo, tendo sido um dos principais inspiradores da Constituição de 1891. Em 1892, defende no Supremo Tribunal Federal o habeas-corpus em favor dos desterrados de Cucuí, num ato de coragem pessoal e cívica de grande repercussão. No ano seguinte, visita sua terra natal, e em 1895, escreve as "Cartas de Inglaterra", que se iniciam com a defesa do Capitão Dreyfus, vítima de um dos maiores erros judiciários da História. Em 1902, trava a memorável campanha do Código Civil, elaborando notável parecer sobre sua redação, seguido da monumental "Réplica", que assinala a maior polémica filológica sobre a língua portuguesa, inscrita como excepcional contribuição ao seu estudo, e repercutindo profundamente na cultura nacional. Em julho de 1907, na Conferência de Haia, o orador genial sobrepuja a todos os delegados das maiores nações do mundo. Em 1910, percorre o país em memoráveis jornadas, como candidato à Presidência da

República, definindo sua plataforma política, repetida nove anos depois, em novo pleito eleitoral.

Em 1916, representou o Brasil no Centenário de Tucuman, proferindo notável conferência na Faculdade de Direito de Buenos Aires, sobre os "Problemas do Direito Internacional". Em 1918, o país inteiro comemora o seu jubileu cívico, em apoteótica consagração de uma vida que estremeceu a pátria, viveu no trabalho, e não perdeu jamais a flama de seus ideais. Três anos depois, celebra-se o seu jubileu jurídico, em São Paulo, condensada a sua sabedoria na obra-prima de sua pena e do seu engenho, conhecida por Oração aos Moços.

A 1.º de março de 1923, às 8 e 25 da noite, entregou a sua grande e boníssima alma ao Criador. Às 4 e meia, frei Celso, da Ordem dos Franciscanos de Petrópolis, ministrou-lhe os últimos sacramentos da Igreja. Assim se expressou o venerando sacerdote: "O maior dos brasileiros não chegou a agonizar; morreu como um santo".

* *
*

APOSTOLADO DE RUY

Não é, porém, a ciência ou a arte o que marca o seu ponto supremo de Glória. Não é esta, ao meu ver, a sua situação permanente na história. Não é ao artista nem ao sábio, que, nestas horas torvas da civilização ameaçada, o Brasil rende hoje a sua comovedora homenagem.

E' ao homem de Estado que, acima de todos, entranhou em nosso peito, acendeu em nosso espírito, imprimiu em nossas consciências o amor do Direito, da Justiça e da Liberdade. E tudo isso, por entre lutas e lutas, no curso de um apostolado de mais de cinqüenta anos, sem descanso.

E, como todo apostolado, raramente bafejado pela fortuna e quase sempre açoitado pelos reveses. Irradiante, bem verdade, como todo apostolado, mas rara vez na coroa do triunfo e quase sempre no resplendor do sacrifício. E' o que uma vez ressumbrava de sua alma, na suavidade ressentida dessas palavras merencórias: "Os frutos da minha vida foram escassos e tristes, bem que os seus ideais tenham sido belos e grandes".

Porque Ruy é o exemplo de uma capacidade permanentemente preterida, de um patriotismo constantemente combatido, de um apóstolo seguidamente perseguido, uma divindade invariavelmente renegada. Contra êle se urdiam tôdas as teias do interesse, se concluiavam tôdas as manobras do egoísmo, se conchavavam tôdas as perfídias da inveja, se aparelhavam tôdas as maquinações dos sentimentos subalternos, conjugados no empenho de impedir que a suprema direção do país coubesse ao homem que a Nação, por todos os seus verdadeiros órgãos, insistentemente reclamava.

E' êste vulto, sem par em nossa história, que vive e viverá eterno na lembrança, no amor, na admiração do povo brasileiro. E' para seu espírito que nos volvemos nestas horas de procela, em que o direito, a democracia e a liberdade parece que se obumbram, e confiamos que, da confusão tenebrosa da noite que nos cerca, alvoreje, reponte e resplenda a ressurreição do sol.

João Mangabeira — "Ruy — o Estadista da República".

* *
*

Continuam oportunas as expressões com que Ruy Barbosa anatomizou o Comunismo. Ei-las :

"O comunismo não é a fraternidade : é a invasão do ódio, entre as classes. Não é a reconciliação dos homens : é a sua exterminação mútua. Não arvora a bandeira do Evangelho : bane a Deus das almas e das reivindicações populares. Não dá treguas à ordem. Não conhece a liberdade cristã. Dissolveria a sociedade. Extinguiria a religião. Desumanaria a humanidade. Perverteria, subverteria a obra do Criador.